

FUTUROS

Aquilo que ainda está para vir sempre fascinou e ao mesmo tempo intrigou o Homem de todos os tempos e de todas as culturas. Porvir ou posteridade, horizonte a construir ou fadário, o que há de acontecer é um mistério instigante. Porém, a ausência indelével que dentro de si carrega acaba afinal por reverter num potentíssimo catalisador do preenchimento desse espaço e desse tempo ainda por vir.

Aquilo que ainda está para vir, não sendo presente, tem os seus cenários vinculados ao fluxo do andamento temporal, a cada um dos momentos que vivemos. Levada ao seu ponto extremo, a confiança nos ritmos de repetição sustém a formulação das leis da física, do desenvolvimento ambiental, da evolução económica, dos desempenhos sociais, dos sistemas de informação, de comunicação, etc. Contudo, apesar de a planificação recorrer a metodologias de prognóstico e antecipação extremamente exigentes e que pretendem ser cada vez mais rigorosas, facto é que a sua aplicação não consegue rasurar um certo grau de imprevisibilidade. A instabilidade parece alojar-se na cadeia dialética mais acabada. Aliás, é a própria física, como a mecânica quântica o sugere, a sustentar a hipótese de existência de uma multitude de universos paralelos, onde diferentes futuros se materializam, ou a possibilidade de viajar no tempo, como a relatividade geral o prevê, com a contingência de um regresso ao passado. Assim, o avanço pode comportar um retrocesso no tempo.

A qualidade do que é novo sem que seja presente sempre se mostrou extremamente apelativa, ao longo dos séculos, para a imaginação, o onirismo, as profecias, com toda uma gama de utopias a partir daí formada. Na verdade, aquele mesmo presente em que a utopia se implanta é o trampolim que o relega para a inaturalidade. Mas foram as vanguardas a levarem essa atração pela novidade até um ponto extremo, com o seu desejo absoluto de viver hoje o amanhã. A performance, meio expressivo privilegiado dessa deslocação de sentido, pretende afinal trazer o amanhã para o hoje, acabando porém por o vincular ao mais lídimo presente.

De resto, este enigma que pende sobre aquilo que ainda não é mas virá a ser confere a este campo uma abertura que só encontra a sua resolução no plural: *Futuros*. Se o que há de vir não está pura e simplisticamente inscrito na previsibilidade, nas pré-determinações e até nas realizações de um presente ou de um passado que seja, a sua declinação é a da pluralidade. O leque de possibilidades rasgado por esses *Futuros* é tal que os limites de previsão se passam a erigir em potenciais focos de interação com os fulgores da criação, infiltrando-se na ficção, de forma a potenciar, em sucessivas simbioses, a carga metafórica de uma materialidade sempre incompleta, a desvelar a sua humanidade.

O mundo, em geral, vive uma situação de alguma indefinição de sentidos, até de desorientação e de ausência de rumo, padrão que se vem perpetuando desde os alvares do século XXI. Assiste-se, porventura, a uma crise de *Futuros*. As humanidades e as artes são territórios habituados e indispensáveis para reconstituir, entender e explicar as dinâmicas evolutivas que envolvem a humanidade e as formas sociais em que ela se vai organizando. Daí que quem maneja estes saberes possua conhecimentos e instrumentos de análise da máxima utilidade, não só para pré-figurar o que deste tempo de algum impasse pode surgir, como para alertar, sem que essas reflexões se possam assumir como veredictos, quanto aos riscos a evitar ou até dar pistas do que seria útil tentar construir.

Garantia de alternativa e de mudança, essa pluralidade que marca os *Futuros* poder-se-á pois resolver em contributo para a pluralidade dos presentes. Ou não, quando transmutada numa disparidade carente de nexos. Não obstante, de uma ou de outra forma, o confronto prístino permanece: a realização dos *Futuros* nunca será plural. A sê-lo, essa coexistência requererá a passagem para um outro plano, o teológico.

Rita Marnoto
Coordenadora da Direção Executiva